



bruno vilela

as estrelas descem à terra

curadoria de daniel donato

[preview]

■
galeria
■ marco ■
zero
■

as estrelas descem à terra

curadoria de daniel donato

A imaginação de Bruno Vilela incorpora religiões, mitos e símbolos diversos que se desdobram e se hibridizam em sua mitologia pessoal. Assim, uma lenda ribeirinha é reimaginada em *A caçada da anta*; o hindu empresta a simbologia de alguns dos monocromos e a astrologia chinesa é o tema d'*O ano da serpente*. Este conjunto eclético engatilha a imaginação do pintor no esforço de apreender seu atual motivo: a paisagem amazônica. Assim, nenhuma das figuras se restringe a matérias mundanas – como as habitações ribeirinhas (*Rio de dentro, Iara e O Boto*), as embarcações ou as urnas funerárias marajoaras¹ (*Terra preta e Amazônia Golden Age*). São elementos que, na visão de Vilela, sugerem um universo simbólico ligado à espiritualidade e a arquétipos. Como diz o artista: “A experiência religiosa se dá aqui, não por dogma preconcebido, mas sim pela fenomenologia presente nas religiões orientais, cujo objetivo é a libertação da ilusão da mente”.

Durante os vinte dias em que Vilela residiu na comunidade Santa Helena às margens do Rio Negro na Amazônia, índices culturais bastante distintos foram enquadrados pela retórica de suas lentes fotográficas, que deram início aos 17 trabalhos desta exposição. Se a obra acontece desde a expedição até o ateliê, o encontro com o assunto é apenas uma etapa inicial de feitura dessas pinturas. No ateliê, simbolismo, virtuosismo técnico e letramento em história da arte se unem no trabalho do artista. Um exemplo são os monocromos azuis, que aludem a Vishnu, mas também fazem referência ao período azul de Picasso.

Outro exemplo é a série de dípticos *Eco reflexo* na qual uma técnica inédita é utilizada para lidar com o referente visual. Uma mesma fotografia é projetada e pintada sobre duas telas com a diferença posta entre meios e técnicas utilizadas. Na parte de cima do díptico, trata-se de uma pintura a óleo cuja luminosidade é construída em camadas de sobreposição dos tons mais claros ao mais escuros. Na parte de baixo, é pintada uma figura bem próxima a de seu par. Depois desta tela parcialmente seca, incide um *medium* aquoso que demanda fino controle da ação da gravidade através do espatulamento. Por fim, uma figura espectral é adicionada a ela. O resultado é um *blurring* fantasmagórico próximo ao de Richter. Trata-se do questionamento acerca da dificuldade de representação do motivo inicial. Em ambas as partes do díptico, o gesto artístico incide na fotografia em sua dimensão documental. Ao rasurar a pintura feita a partir da imagem fotográfica, Vilela questiona a representação que aponta além da retórica mística.

Assim sendo, a união entre diferentes referenciais simbólicos e gesto pictórico não resulta na reconstituição da experiência religiosa. Se a radiância da luz é um aspecto notável na maior parte das telas da exposição, estes trabalhos não aludem à luz divina ou transcendente, pois o que fazem é ressaltar a qualidade indicial da fotografia. Por consequência, as pinturas patenteiam um dado político. É precisamente no coeficiente de realidade apresentado pela imagem fotográfica, que atravessa o processo pictórico de Vilela, que o indício do real se impõe, revelando o regime político latente às suas telas. Despojada da retórica mística, a luz fluorescente nas telas aparece como o fetiche moderno. Essa inversão, como aqui proponho, ocorre em analogia ao ensaio de Theodor Adorno do qual a exposição toma seu título emprestado. Para o filósofo, as previsões astrológicas veiculadas no jornal *Los Angeles Times* ocultam nas estrelas o absurdo do mundo pós-guerra em que aos leitores é preferível adiar para os astros a responsabilidade sobre suas próprias vidas. Isto é, a astrologia dissimula a submissão ideológica. Assim, o ocultismo revela um elemento bastante mundano: a aceitação de um sistema social opressivo enquanto destino coletivo irreparável. Essa ocultação notada por Adorno ecoa no trabalho de Bruno Vilela, onde a busca por símbolos religiosos revela uma experiência política tácita. O brilho enérgico não é o da criação divina, mas talvez a radiância de uma fusão nuclear, nos introduzindo a uma aventura atômica na Amazônia com personagens radioativos e paisagens fantasmagóricas, atinada com a vida contemporânea da floresta².

¹ A cerâmica marajoara despertou forte interesse de muitos artistas modernos brasileiros. Dentre eles, Theodoro Braga, Vicente do Rego Monteiro e Regina Gomide Graz.

² *Usinas nucleares na Amazônia? Aventura atômica em plena floresta*. Artigo de Heitor Scalabrini e Zoraide Vilasboas. Instituto Humanitas Unisinos, abril de 2024.

bruno vilela

the stars down to earth

curadoria de daniel donato

*Bruno Vilela's imagination incorporates diverse religions, myths, and symbols that unfold and hybridize into his personal mythology. Thus, a riverside legend is reimagined in *A caçada da anta* (The Tapir Hunt); Hinduism lends the symbolism for some of the monochromes, and Chinese astrology is the theme of *O ano da serpente* (The Year of the Serpent). This eclectic set triggers the painter's imagination in the effort to apprehend his current motif: the Amazonian landscape. Thus, none of the figures are restricted to mundane matters—such as the riverside dwellings (*Rio de dentro* (River Within), *Iara*, and *O Boto* (The Dolphin)), the vessels, or the Marajoara funerary¹ urns (*Terra preta* (Black Earth) and *Amazônia Golden Age*). These are elements that, in Vilela's view, suggest a symbolic universe linked to spirituality and archetypes. As the artist says: "The religious experience occurs here, not through preconceived dogma, but rather through the phenomenology present in oriental religions, whose objective is the liberation from the illusion of the mind."*

During the twenty days Vilela resided in the Santa Helena community on the banks of the Rio Negro in the Amazon, quite distinct cultural indices were framed by the rhetoric of his photographic lenses, which gave rise to the 17 works in this exhibition. If the work takes place from the expedition to the studio, the encounter with the subject is merely an initial stage in the making of these paintings. In the studio, symbolism, technical virtuosity, and literacy in art history unite in the artist's work. One example is the blue monochromes, which allude to Vishnu, but also reference Picasso's Blue Period.

*Another example is the series of diptychs *Eco reflexo* (Echo Reflection), in which an unprecedented technique is used to deal with the visual referent. The same photograph is projected and painted onto two canvases, with the difference set between the media and techniques used. In the upper part of the diptych, it is an oil painting whose luminosity is constructed in layers, superimposing the lightest to the darkest tones. In the lower part, a figure very close to its pair is painted. After this canvas is partially dry, an aqueous medium is applied, requiring fine control of the action of gravity through a spatulation technique. Finally, a spectral figure is added to it. The result is a ghostly blurring close to that of Richter. This is a questioning of the difficulty of representing the initial motif. In both parts of the diptych, the artistic gesture impacts the photograph in its documentary dimension. By erasing the painting made from the photographic image, Vilela questions a representation that points beyond mystical rhetoric.*

Therefore, the union between different symbolic references and the pictorial gesture

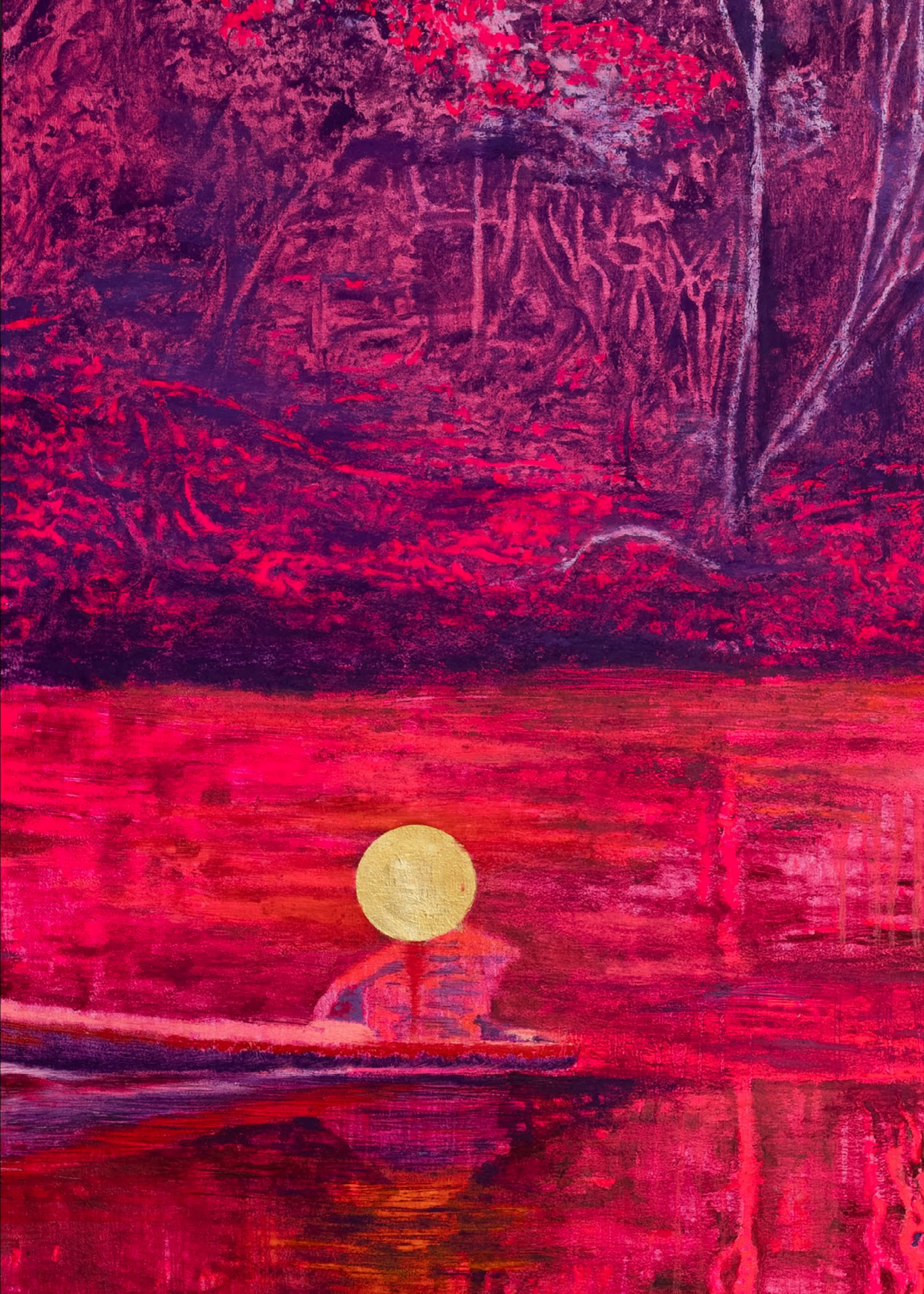
does not result in the reconstitution of the religious experience. If the radiance of light is a notable aspect in most of the exhibition's canvases, these works do not allude to divine or transcendent light, as what they do is highlight the indexical quality of the photograph. Consequently, the paintings make a political statement. It is precisely in the coefficient of reality presented by the photographic image, which permeates Vilela's pictorial process, that the index of the real imposes itself, revealing the latent political regime in his canvases. Stripped of mystical rhetoric, the fluorescent light on the canvases appears as the modern fetish. This inversion, as I propose here, occurs in analogy to the essay by Theodor Adorno from which the exhibition takes its title. For the philosopher, the astrological predictions conveyed in the *Los Angeles Times* conceal in the stars the absurdity of the post-war world in which readers prefer to postpone the responsibility for their own lives to the cosmos. That is, astrology dissimulates ideological submission. Thus, occultism reveals a very mundane element: the acceptance of an oppressive social system as an irreparable collective destiny. This concealment noted by Adorno echoes in Bruno Vilela's work, where the search for religious symbols reveals a tacit political experience. The energetic glow is not that of divine creation, but perhaps the radiance of nuclear fusion, introducing us to an atomic adventure in the Amazon with radioactive characters and ghostly landscapes, attuned to the contemporary life of the forest².

¹ Marajoara ceramics sparked strong interest in many Brazilian modern artists, including Theodoro Braga, Vicente do Rego Monteiro, and Regina Gomide Graz.

² Usinas nucleares na Amazônia? Aventura atômica em plena floresta. Article by Heitor Scalabrini and Zoraide Vilasboas. Instituto Humanitas Unisinos, 2024, april.



bruno vilela
recife, pernambuco | 1977





AS ESTRELAS DESCEM À TERRA

Apesar de Bruno Vilela ser conhecido por suas obras de arte, ele também é um fotógrafo e um escritor. Em sua obra, ele explora a relação entre a natureza e a cultura, e a forma como a arte pode ser usada para explorar o mundo ao nosso redor. Vilela é um artista multidisciplinar, e sua obra é caracterizada por uma abordagem inovadora e experimental. Ele utiliza uma variedade de materiais e técnicas para criar obras que são tanto visuais quanto conceituais. Vilela é um artista que não se limita a uma única forma de expressão, e ele continua a explorar novas maneiras de criar arte.

de modernidade. Em ambas as partes do diptico, o gesto artístico incide na fotografia em um sentido documental. Ao rasurar a pintura feita a partir da imagem fotográfica, Vilela questiona a representação que aponta além da retórica midiática.

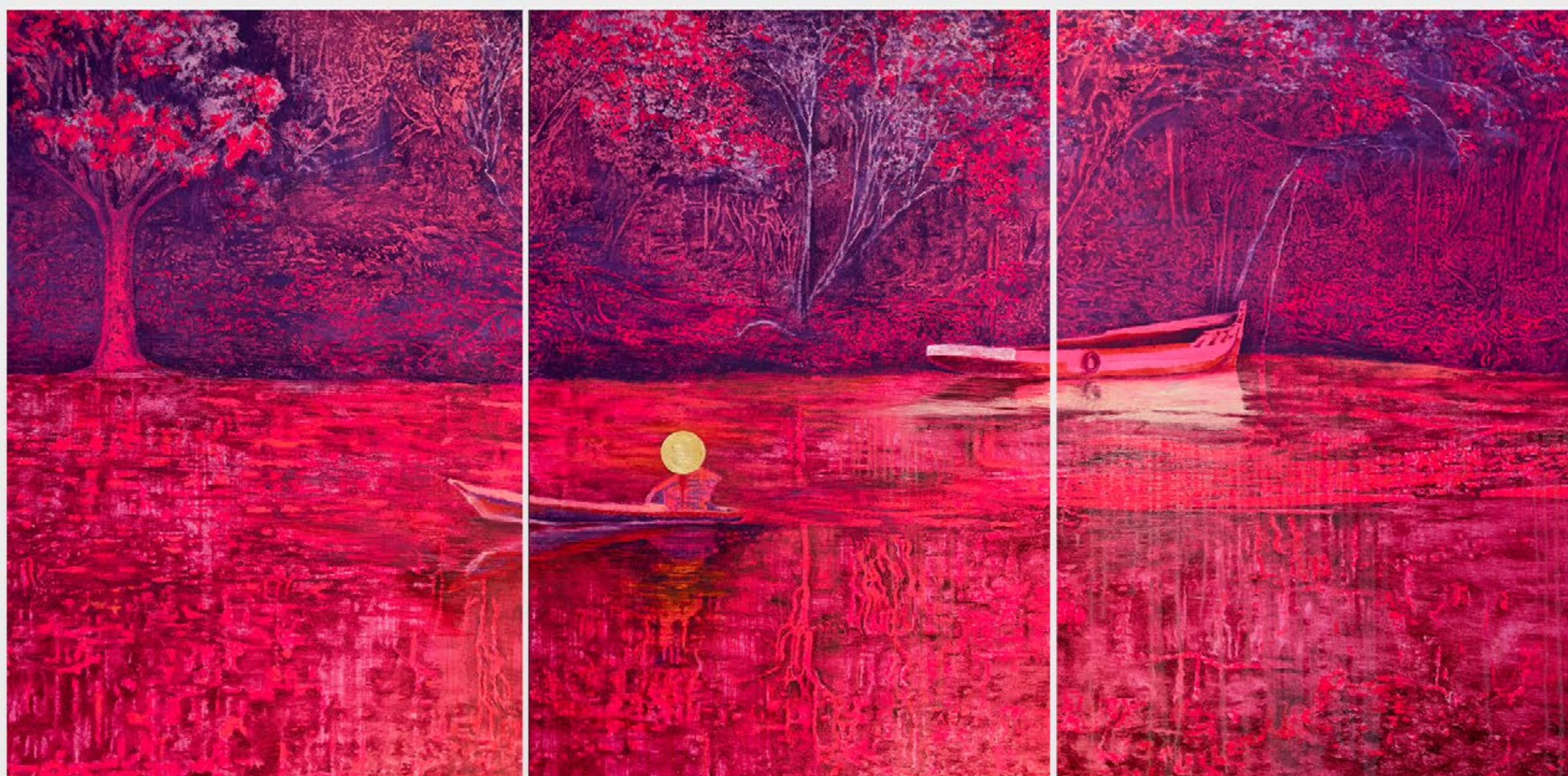
Assim sendo, também entre diferentes referências simbólicas e gestos pictóricos resulta na reconstrução da experiência religiosa. Se a análise da luz é um aspecto central na maior parte das telas da exposição, estes trabalhos não aludem à luz divina ou transcendente, pois o que fazemos é ressaltar a qualidade radical da fotografia. Por consequência, as pinturas apresentam um dado político. É precisamente no coeficiente de pictorial de Vilela, que o fotógrafo real se impõe, revelando o processo físico da luz. Assim, a luz é o elemento central da obra, revelando o processo físico da luz. Assim, a luz é o elemento central da obra, revelando o processo físico da luz.

1. A cerâmica marajó para despertar forte interesse de muitos artistas modernos brasileiros. Dentre eles, Theodoro Braga, Vicente do Rêgo Monteiro e Regina Gomide Graz.
2. Usinas nucleares na Amazônia? Aventura atômica em plena floresta. Artigo de Helter Scalabrini e Zoraida Vissboas, Instituto Humanitas Unisaio, abril de 2024.

Daniel Donato

BRUNO VILELA

CURADORIA
DANIEL DONATO



Banzeiro, 2025 (tríptico)

óleo e folha de ouro sobre tela *[oil and gold leaf on canvas]*

150 x 300 cm *[59 x 118 1/8 in]*

GMZ.2052



As estrelas descem à Terra, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

150 x 140 cm [59 x 55 ½ in]

GMZ.2054





Arqueologia do azul, 2025
óleo sobre tela [*oil on canvas*]
150 x 180 cm / [*59 1/16 x 70 7/8 in*]
GMZ.1719





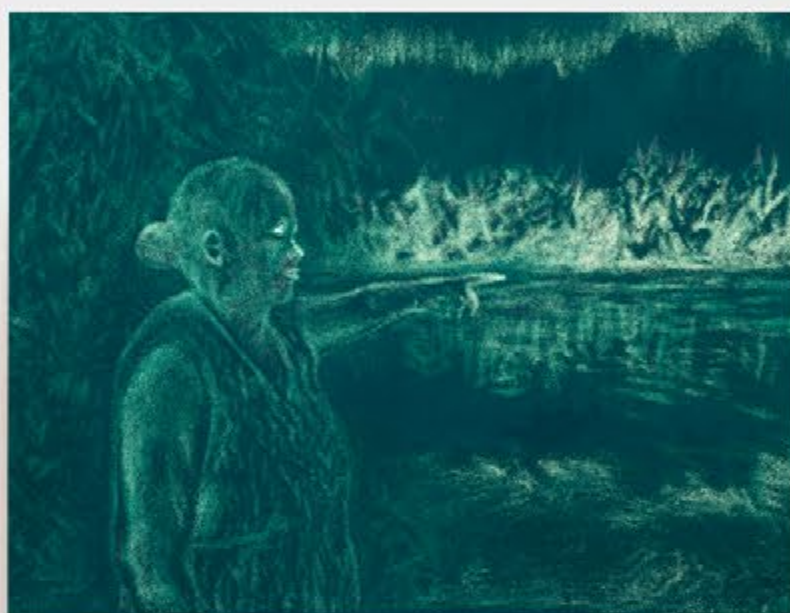
O rio é minha rua, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

100 x 130 cm [39 ³/₈ x 51 ¹/₈ in]

GMZ.1722





A caçada da anta, 2025

pigmento puro sobre papel de algodão [*pigment on cotton paper*]

31 x 41 cm (cada; 9 total) [*12 ¼ x 16 ⅛ in*] (*each; 9 total*)

GMZ.2053





A caçada da anta, 2025

01 – Não aguento mais comer nada conservado no sal.
Vou atrás de uma Anta pra gente jantar.

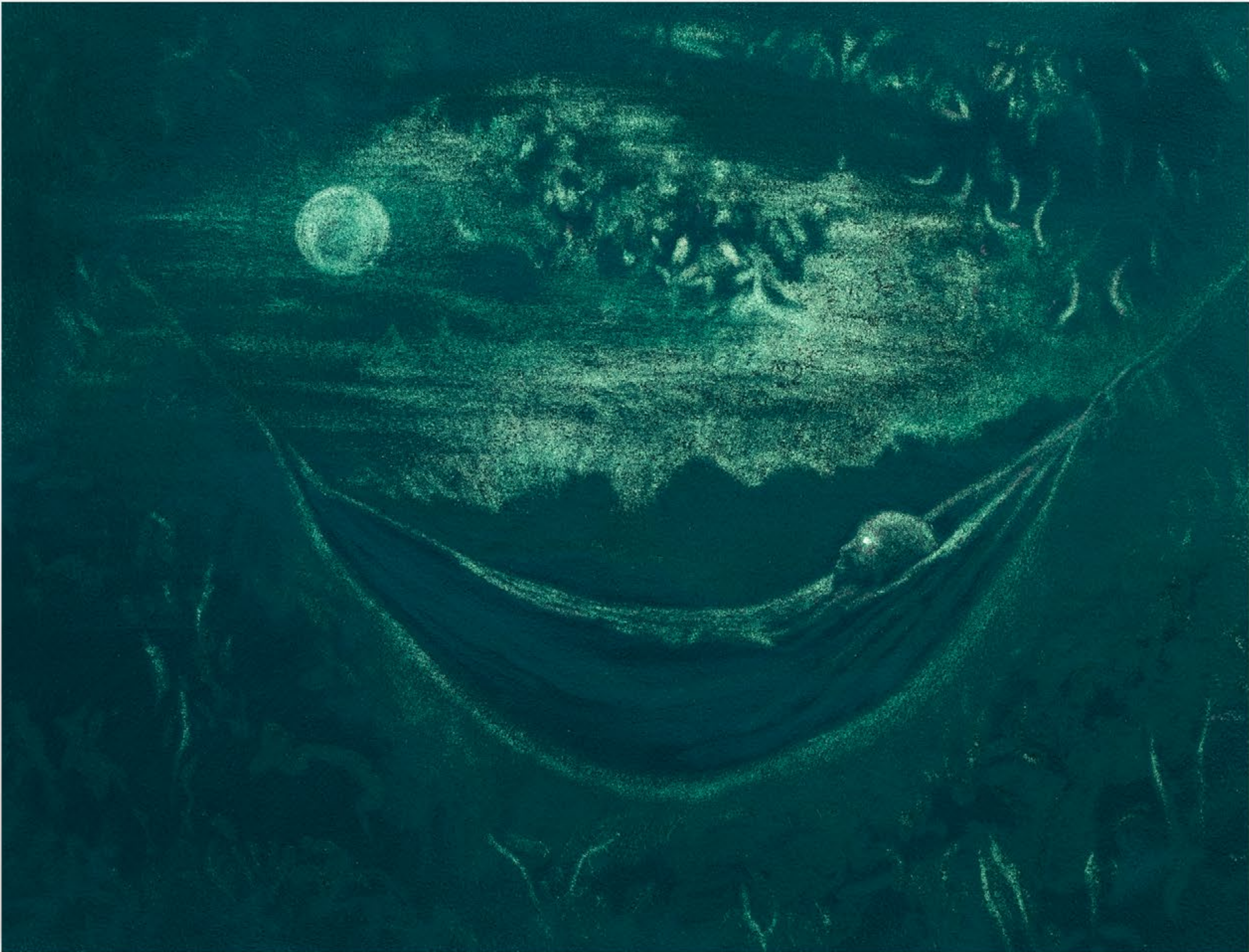




A caçada da anta, 2025

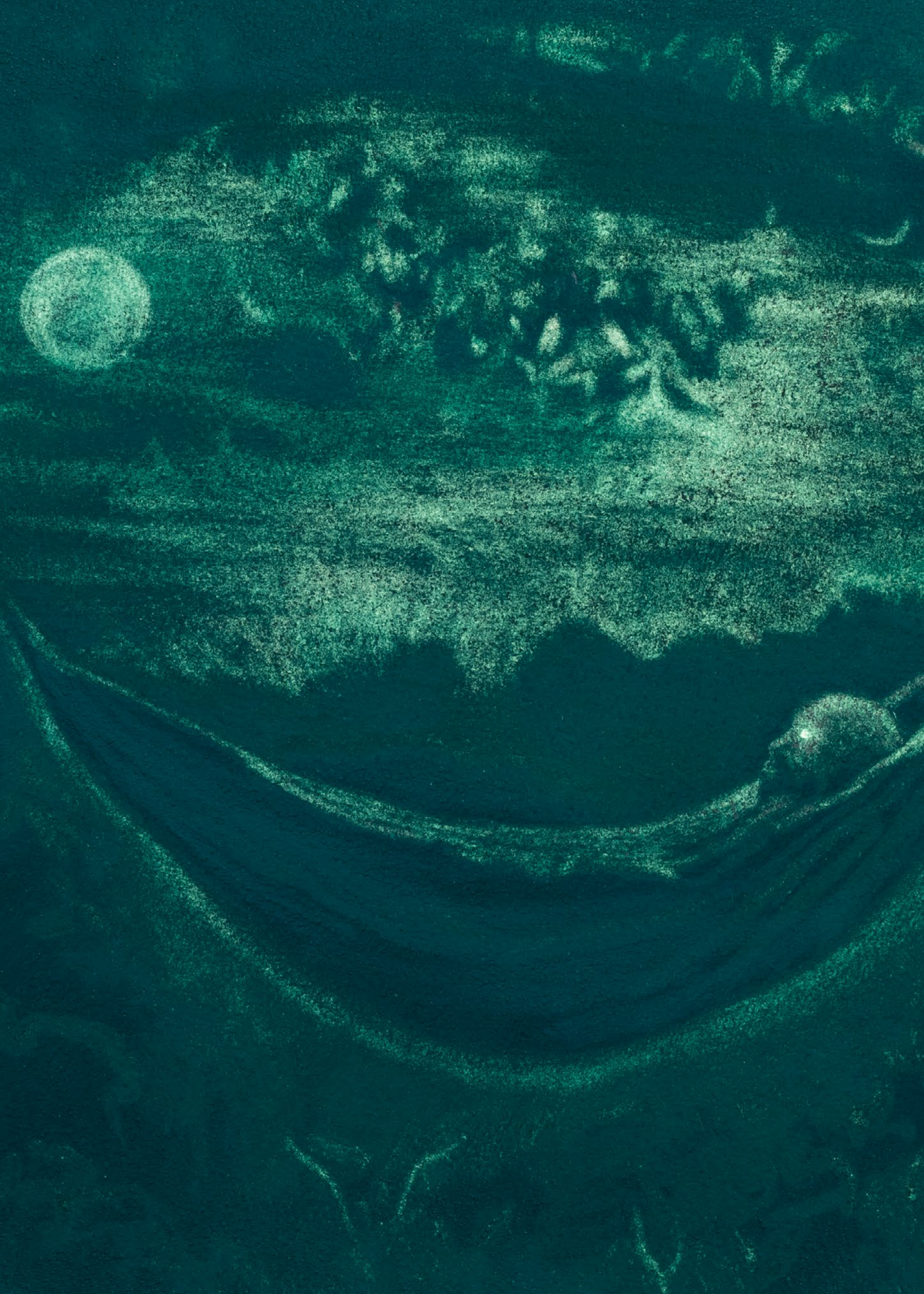
02 – Lá fora está “A” Curupira meu filho. Tendo comida em casa, é errado matar um bicho. Não vá não que “Ela” lhe pega.

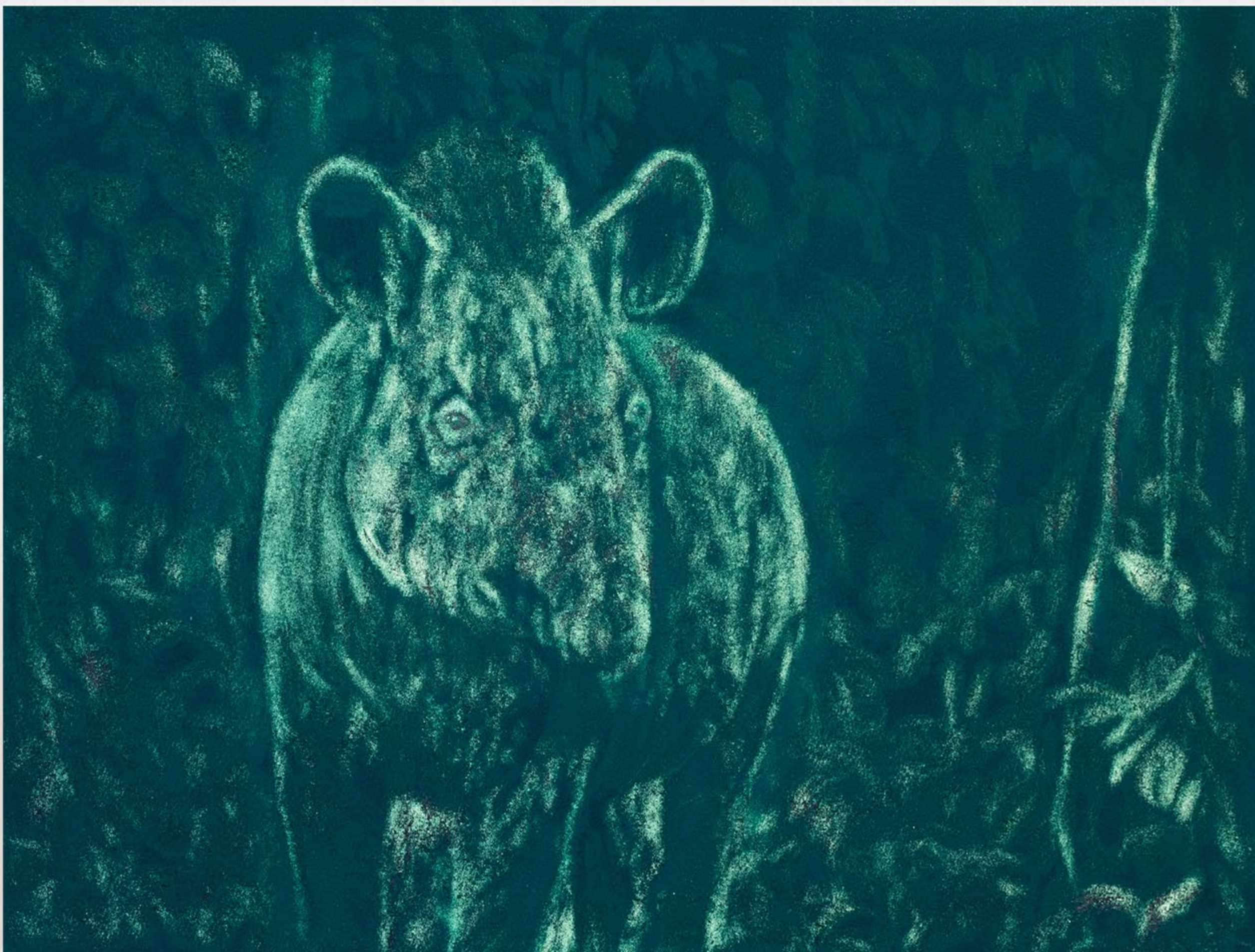




A caçada da anta, 2025

03 – Vou armar essa rede no alto dessa árvore e esperar a Anta passar.





A caçada da anta, 2025

04 – La vem a Anta na beira do rio.





A caçada da anta, 2025

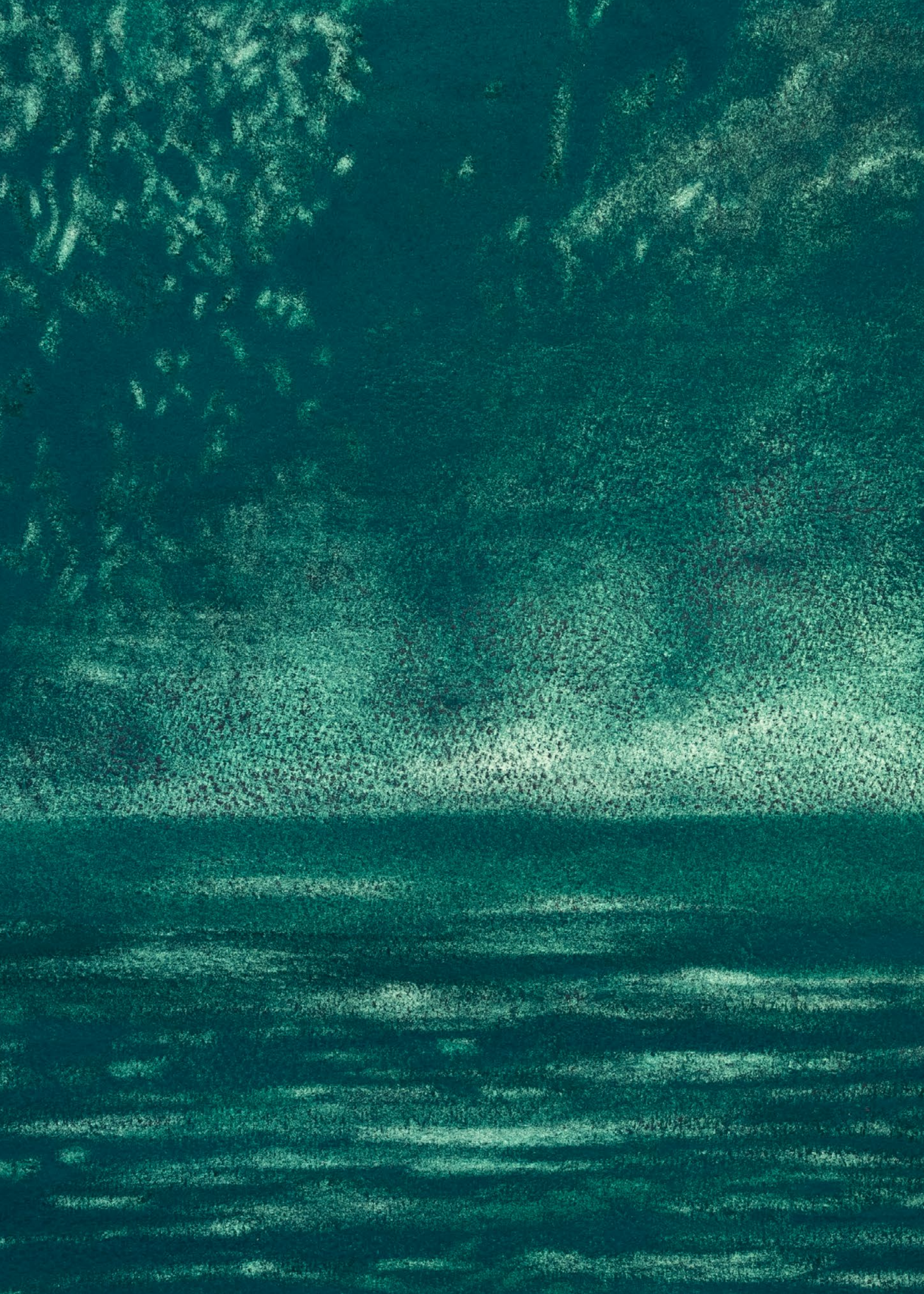
05 – Pow !!! Atirei um único tiro certo.





A caçada da anta, 2025

06 – Mas ela correu e desapareceu na neblina do rio.





A caçada da anta, 2025

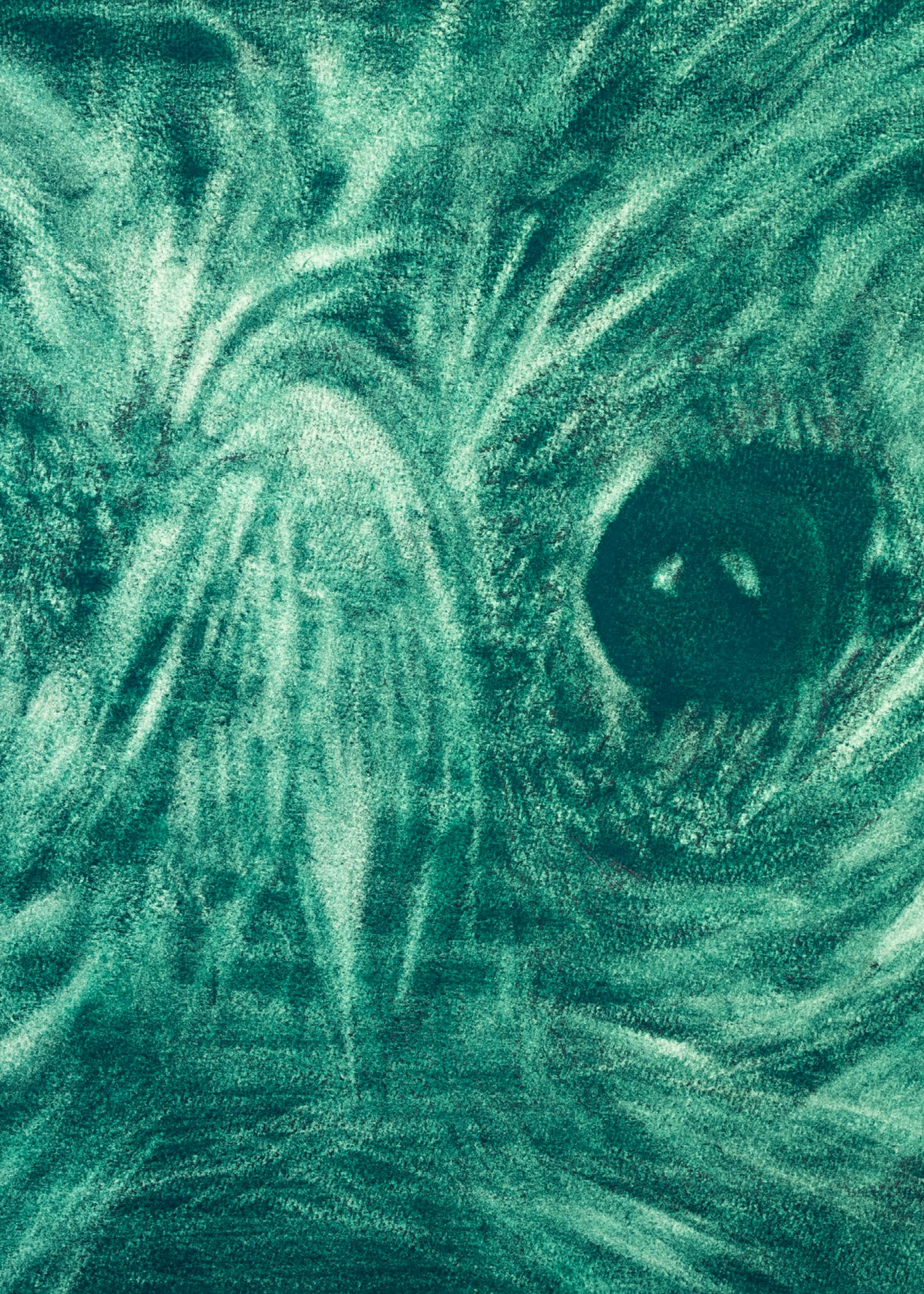
07 – Os urubus lá longe me ajudaram a encontrar ela.





A caçada da anta, 2025

08 – Pow !!! Levei um tapa na cabeça. Só me lembro dos olhos “Dela”.





A caçada da anta, 2025

09 – Desmaiei no chão e acordei já surdo. Desde esse dia, não ouço mais nada. Foi “Ela”. A Curupira.



O espírito da floresta, 2025
óleo sobre tela [oil on canvas]
150 x 180 cm [59 1/16 x 70 7/8 in]
GMZ.1721





ARTIST'S NAME
TITLE OF THE WORK





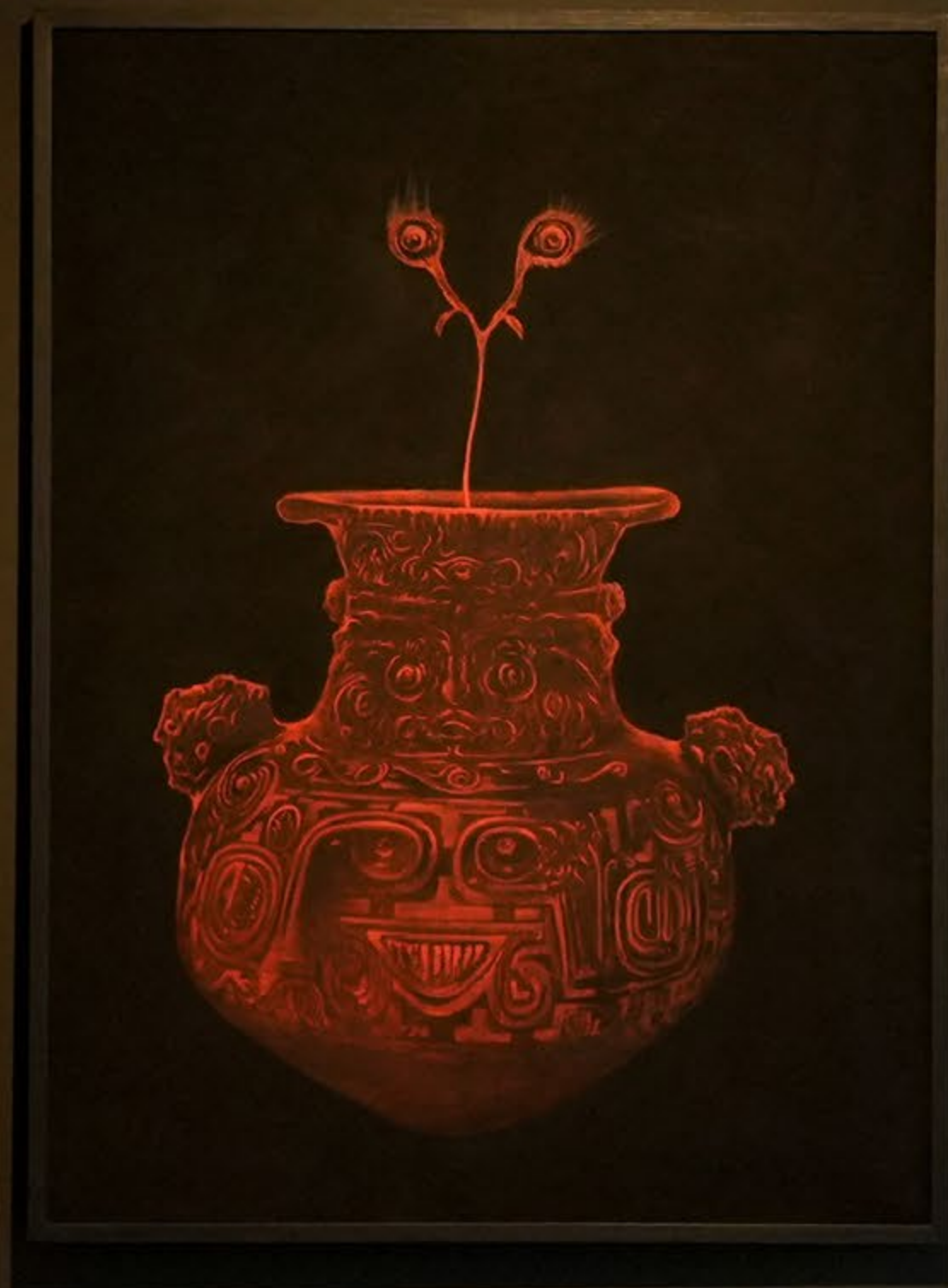
Rasga mortalha, 2025

carvão e acrílica sobre papel de algodão [*charcoal and acrylic
on cotton paper*]

114 x 85 cm [*44 7/8 x 33 1/2 in*]

GMZ.2051





Red light



Isabel, da série Eco reflexo, 2025 (díptico)

óleo sobre tela [oil on canvas]

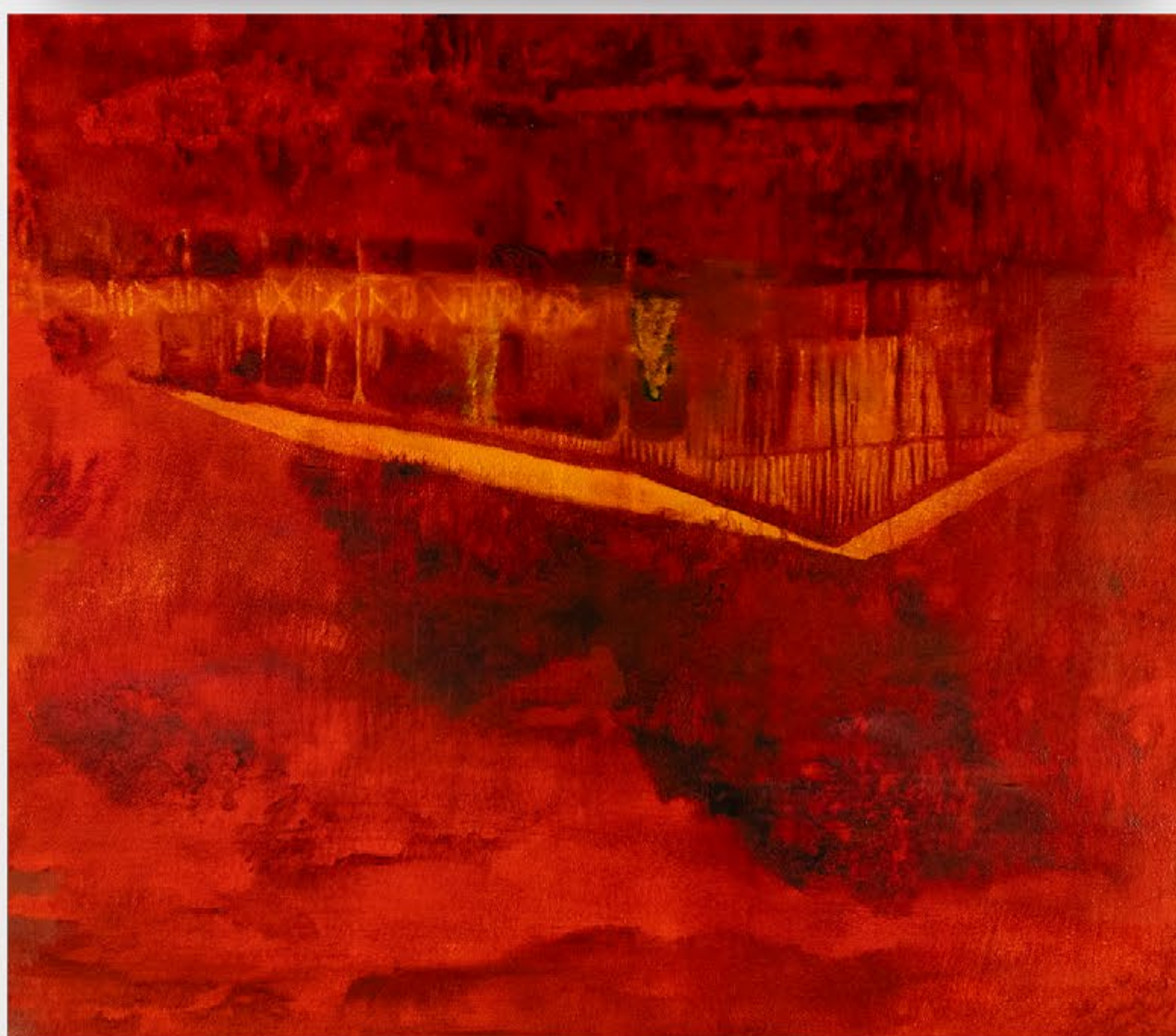
172 x 120 cm [67 ³/₄ x 47 ¹/₄]

GMZ.2056









Iara, da série *Eco reflexo*, 2025 (díptico)

óleo sobre tela [oil on canvas]

140 x 81 cm [55 1/8 x 31 7/8 in]

GMZ.2055







01-01-01



01-01-02





O boto, da série Eco reflexo, 2025 (díptico)

óleo sobre tela [oil on canvas]

140 x 81 cm [55 1/8 x 31 7/8]

GMZ.2058





No hay luna, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

150 x 140 cm [59 x 55 1/8 in]

GMZ.2057





Amazônia golden age, 2025

carvão e serigrafia sobre linho [*charcoal and silkscreen on linen*]

108 x 94 cm [42 ½ x 37]

GMZ.2061





Terra preta, 2025

carvão e serigrafia sobre linho [*charcoal and silkscreen on linen*]

108 x 94 cm [42 ½ x 37]

GMZ.2061





Nuvens estranhas _ opus 05, 2025

óleo sobre tela [*oil on canvas*]

100 x 130 cm [*39 ³/₈ x 51 ¹/₈ in*]

GMZ.1223





Rio voador, 2025

óleo sobre tela [*oil on canvas*]

100 x 130 cm [*39 ³/₈ x 51 ¹/₈ in*]

GMZ.2059









Rio de dentro, opus 3, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

30 x 37 cm [11 ¹³/₁₆ × 14 ⁹/₁₆ in]

GMZ.1606





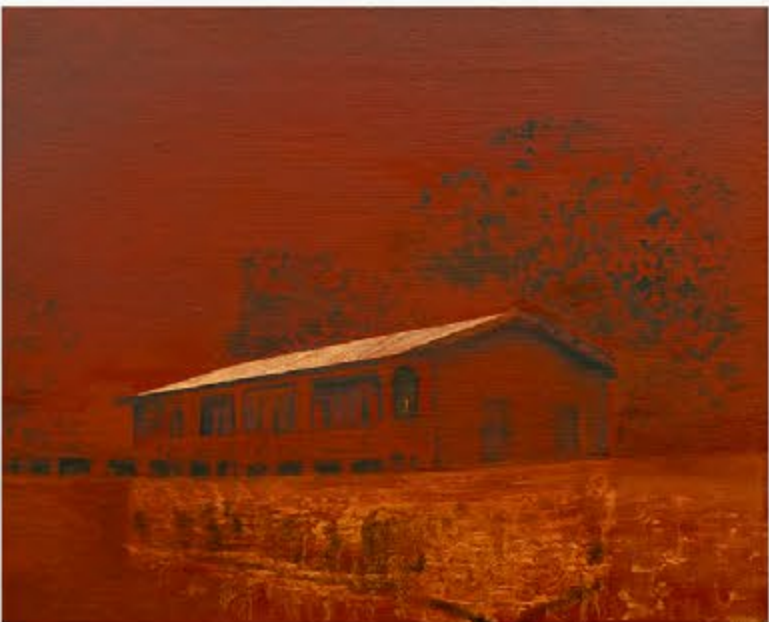
Rio de dentro, opus 4, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

30 x 37 cm [11 ¹³/₁₆ × 14 ⁹/₁₆ in]

GMZ.1607







Rio de dentro, opus 2, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

30 x 37 cm [11 ¹³/₁₆ × 14 ⁹/₁₆ in]

GMZ.1605



Rio de dentro, opus 5, 2025

óleo sobre tela [oil on canvas]

30 x 37 cm [11 ¹³/₁₆ × 14 ⁹/₁₆ in]

GMZ.1608





O ano da serpente, 2025

waji, pastel seco e folha de prata sobre papel de algodão

[waji (indigo), dry pastel and silver leaf on cotton paper]

17 0x 113 cm [66 ⁷/₈ x 44 ¹/₂ in]

GMZ.1723



Clique e assista ao teaser de "O Ano da Serpente", dirigido por Bruno Vilela
[Click and watch the teaser for "O Ano da Serpente", directed by Bruno Vilela.]



Av. Domingos Ferreira, 3393 - Boa Viagem
Recife PE Brasil [Brazil] | 51020-035
galeriamarcozero.com
[@galeriamarcozero](https://www.instagram.com/galeriamarcozero)
+55 81 3787-4630

■
galeria
■ marco ■
zero
■